

TRANSCULTURAÇÃO NA ARQUITETURA DO CHÁ NO VALE DO RIBEIRA: Arquiteturas vernáculas japonesa e cabocla

LA TRANSCULTURA EN LA ARQUITECTURA DEL TÉ EN EL VALLE DE RIBEIRA: arquitecturas vernáculas japonesas y locales

TRANSCULTURE IN TEA ARCHITECTURE AT RIBEIRA VALLEY: Japanese and local vernacular architectures

EIXO TEMÁTICO: 4

DANILEWICE, Leonardo

Estudante de Graduação em Arquitetura e Urbanismo; Universidade São Francisco

e-mail leo.danilewice@hotmail.com

MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima

Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Professor na Universidade Federal do Piauí

e-mail robertomontenegro@alumni.usp.br

FEITOSA , Lucas de Souza Ramalhaes

Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Professor na Universidade São Francisco

e-mail lucas.feitosa@usf.edu.br

REALIZAÇÃO · Vernaculum Grupo de Pesquisa · PPG-AU FAUFBA · PACPS · UFBA · UFMG · ICOMOS Brasil

Estas linhas voltam-se à arquitetura produzida por imigrantes japoneses no Vale do Ribeira, no litoral sul do estado de São Paulo, quando as arquiteturas vernáculas cabocla e nipônica, entrosadas com as duas tradições e com seu meio físico, encontram-se e se mesclam. Trata-se de contribuição à constituição e discussão de importante patrimônio histórico/cultural, retratando presenças das culturas nipônica, indígena e africana. Preserva diversos "saber fazer"[1] construtivos neste encontro de povos distintos, distantes, que se encontram em solo brasileiro.

As arquiteturas locais produzidas neste contexto – pela relevância, pela documentação existente ou pela permanência física – são o objeto central de trabalho, através de visitas, desenhos de estudo e redesenho das edificações, e estudos anteriores, para um entendimento de técnicas construtivas e critérios de concepção que se apoiam em práticas locais e conhecimentos importados, para a constituição de tipologias da cultura tradicional nipônica, e da economia produtora dos insumos agrícolas praticados, com ênfase ao chá, neste meio físico.

As origens da arquitetura em estudo, que pode ser descrita como a arquitetura do chá, remontam pelo prisma dos imigrantes à chegada das três primeiras famílias japonesas à região em 1914, seis anos após o desembarque em Santos do Navio Kasato Maru, que marca a imigração nipônica no país. Três anos depois, a região de Registro – principal núcleo urbano da colônia e sítio de pesquisa deste trabalho - totaliza mais de cinco mil imigrantes. Os anos que seguiram a chegada da população issei, até o ano de 1933, caracterizam-se pelo baixo retorno financeiro dos principais produtos agrícolas cultivados pela comunidade imigrante, como o arroz e a cana-de-açúcar.

Em 1934, são trazidas por um imigrante ervas de chá que se tornam insumo altamente atrativo, quando são construídas diversas fábricas familiares para a produção e beneficiamento – fomentando o desenvolvimento da região e das principais arquiteturas de interesse a este trabalho, determinando também a forma inicial de ocupação do território, predominantemente em chácaras rurais espalhadas.

> Com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses em 1913, o município viu seu desenvolvimento associado à cultura do chá, que se tornaria a principal do município. O Conjunto Iguape (colônias de Registro, Sete Baras e Katsura ou Gipovura) foi a primeira grande colônia formada por japoneses do Brasil.Em 1944, Registro tornou-se município, destacando-se por sua agricultura e a

[1] Saber fazer: Definição coloquial das técnicas construtivas provenientes da criação e aperfeiçoamento por diversas gerações de um determinado povo, tais técnicas são intrínsecas àquela cultura.

> contribuição fundamental da colônia japonesa para o progresso (Gordinho, 2013, n.p)

As tipologias das edificações, em arranjos formais-estéticos, organizacionais, e construtivos da cultura importada, não deixam de pertencer ao contexto local, tratando-se de caso de transculturação de bastante interesse. Os partidos relacionam origens da cultura japonesa com a cultura local, e compreensões de entrosamento com o meio físico, através de “saber fazer” entrosados com os recursos disponíveis – o que é comum à construção vernácula de um modo geral, pelas próprias características programáticas em modos de vida intimamente entrosados com a natureza. São destacadas questões sobre técnicas construtivas caboclas empregadas que são compartilhadas com os imigrantes, em conformações formais alheias ao contexto local original.

As técnicas de construção são analisadas por meio de desenhos e fotografias, além do repertório teórico, visando compreensões das culturas construtivas envolvidas, de seu meio, e de entendimentos de como tais técnicas contribuem para entrosamentos entre a natureza construída e o meio natural, com menores impactos ambientais – ou conforme se faz possível nesta forma de cultura. Através de bibliografia existente, e de levantamentos que se fizeram possíveis, foram listadas diversas obras remanescentes deste período que se relacionam à colonização nipônica, em suas tipologias e conformações (ver HIJIOKA, 2016), e às tradições construtivas vernáculas asiáticas (ver YOUNG, 2014), ou presentes na região, comuns a boa parte do território nacional e a outros contextos sociais com necessidades e recursos em comum.

O emprego de telhados de sapê, ou as soluções de fundação e piso elevado em parte das habitações japonesas, podem ser associados à arquitetura cabocla local, em geografia onde predominam as planícies alagadiças, e o clima tropical quente úmido – tratando-se de partidos entrosados ao meio físico, e de baixo impacto energético, trazendo questões de interesse também à atualidade. O papel de arroz comumente utilizado na arquitetura japonesa para vedação é substituído por recursos locais disponíveis, como a técnica da taipa-de-mão (terra) (ver Bruno e Silva, 2001), frequentemente empregada nas edificações identificadas, que são estruturadas em muitas obras por pilares e vigas em madeira lavrada a enxada, como é comum no país e na região à época, precedendo uma maior mecanização.

Essas estruturas da cultura vernácula local, entretanto, assim como todo o partido, são ordenadas por modulação definida pelas medidas corporais baseadas no tatame, (0,90 X 1,80 metros), em solução trazida pelos colonizadores de sua terra de origem. A madeira utilizada, frequentemente

em canela preta, conforme tecnologias locais, conta com técnicas tradicionais japonesas de encaixes estruturais muito precisos e planejados, com repercussões posteriores à construção local, não só na construção dos descendentes diretos.



Figura 1: Casa de madeira com piso elevado. Fonte: HIJIOKA (2016, p. 97). Figura 2: Ilustração do ritmo da modulação com base na foto da residência Daikubara. Fonte: HIJIOKA (2016, p. 113).

Em meio a dificuldade de recursos financeiros e construtivos, os colonizadores recém-chegados uniram o conhecimento de seus antepassados com a cultura pertencente à região de Registro, promovendo suas arquiteturas de inspiração e critérios plásticos importados. A pesquisa traz luz ao encontro das duas culturas em território nacional. O entendimento de técnicas verificadas, apoiadas em recursos locais como a terra, folhagens e madeira, para além da contribuição documental histórica e própria da imigração japonesa no país, traz contribuições culturais de preservação de saberes: sociais ambientais como alternativas de baixo impacto energético (evitando transformações, elementos poluentes, transporte entre regiões, etc.) e de baixo custo de construção, além de indicaram caminhos de desenvolvimento social econômico local à população que domina essas práticas construtivas, que podem indicar enfrentamentos a problemas mais gerais e atuais. Tal interesse tem como objetivo último a preservação viva desta cultura tão única.

REFERÊNCIAS

BRUNO, E. SILVA. Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira: Construção. Museu da Casa Brasileira, 2001.

GORDINHO, M. CINTRA. A caminho do Oeste. vol. 3. Terceiro Nome, 2013.

HIJIOKA, AKEMI. MINKA – Casa dos imigrantes japoneses no Vale do Ribeira, 2016

YOUNG, MICHIKO. The art of japanese architecture. Tuttle Publishing, 2014